



Capítulo um

Estávamos viajando há uns sete mil anos. Ou pelo menos era o que parecia. Meu irmão, Steven, dirigia mais devagar do que a minha avó. Eu estava a seu lado, no banco do passageiro, com os pés apoiados no painel. Minha mãe estava deitada no banco traseiro. Mesmo enquanto dormia, parecia alerta, como se a qualquer momento pudesse acordar e começar a organizar o tráfego.

— Vá mais depressa — supliquei ao Steven, cutucando seu ombro. — Vamos ultrapassar aquele menino de bicicleta.

Steven se sacudiu, para se livrar de mim.

— Nunca encoste no motorista — disse ele. — E tire seus pés sujos do meu painel.

Mexi os dedos do pé para a frente e para trás. Eles me pareciam bem limpinhos.





— O painel não é seu. O carro vai ser meu logo, você sabe.

— Se conseguir tirar a carteira — zombou ele. — Gente como você nem devia ter permissão para dirigir.

— Ei, olha — falei, apontando pela janela. — Aquele cara de cadeira de rodas está uma volta à nossa frente.

Steven me ignorou, e comecei a mexer no rádio. Uma das coisas que mais gostava nas viagens para a praia eram as estações de rádio. Eu conhecia as rádios daqui de cor, assim como as de casa, e ouvir a Q94 me fazia ter certeza de que estava mesmo na praia.

Encontrei minha estação predileta, a que tocava de tudo, desde música pop até hits antigos e também hip-hop. Tom Petty estava cantando “Free fallin’”. Eu cantei com ele. “She’s a good girl, crazy ’bout Elvis. Loves horses and her boyfriend too.”

Steven estendeu a mão para mudar de estação, e dei um tapa nele.

— Belly, sua voz me dá vontade de jogar o carro no mar — e fingiu que ia fazer uma curva brusca à direita.

Cantei mais alto ainda, o que acordou minha mãe, que também começou a cantar. Nós duas temos vozes horríveis, e Steven balançou a cabeça daquele jeito típico irritado. Detestava estar em minoria. Aquilo era o que mais o incomodava no divórcio dos nossos pais, ser o cara solitários, sem o papai para ficar do lado dele.

Passamos pela cidade devagar e, embora eu tivesse acabado de provocar Steven sobre isso, não me importava. Adorava aquele caminho, aquele momento. Rever a cidade,





o restaurante de frutos do mar Jimmy's Crab Shack, o minigolfe Putt Putt, todas as lojas de artigos para surfe. Era como voltar para casa depois de ter passado muito, muito tempo longe. Havia milhões de promessas de verão, e de coisas que poderiam acontecer.

À medida que nos aproximávamos da casa, eu podia sentir aquele alvoroço familiar dentro do peito. Estávamos quase chegando.

Abaixei o vidro da janela para absorver tudo. O ar tinha o mesmo gosto, o mesmo cheiro de sempre. O vento que deixava meus cabelos grudentos, a maresia, tudo pareceu perfeito. Como se estivesse só me esperando chegar lá.

Steven me deu uma cotovelada de leve.

— Está pensando em Conrad? — perguntou de brincadeira.

Para variar, a resposta era não.

— Não — respondi, mal-humorada.

Minha mãe meteu a cabeça entre nossos dois bancos.

— Belly, você ainda gosta do Conrad? Senti que havia um clima entre você e Jeremiah no verão passado.

— QUÊ? Você e Jeremiah? — disse Steven, fazendo cara de nojo. — O que aconteceu entre você e Jeremiah?

— Nada — expliquei aos dois. Senti o sangue subir do peito para o meu rosto. Bem que eu queria já estar bronzeada, assim ninguém ia perceber. — Mãe, só porque duas pessoas são muito amigas, não significa que tenha alguma coisa acontecendo. Por favor, nunca mais mencione isso.

Minha mãe recostou-se no banco traseiro.





— Sem problemas — respondeu. A voz dela tinha aquele tom definitivo que eu sabia que Steven não teria coragem de desafiar. Mas, Steven, que era Steven, tentou de novo.

— O que houve entre você e Jeremiah? Não pode dizer uma coisa dessas e não explicar.

— Esqueça isso — falei para ele. Contar ao Steven só lhe daria munição para me zoar. E, de qualquer forma, não tinha nada para contar. Nunca tinha havido nada para contar, na verdade.

Conrad e Jeremiah eram filhos da Beck. Beck era Susannah Fisher, nome de solteira Susannah Beck. Minha mãe era a única que a chamava de Beck. Elas se conheciam desde os 9 anos e diziam que eram irmãs de sangue. E tinham as cicatrizes para provar: marcas idênticas nos pulsos, no formato de corações.

Susannah me contou que, quando nasci, ela sabia que eu me casaria com um dos seus meninos. Era o destino. Minha mãe, que normalmente não acreditava nesse tipo de coisa, disse que seria perfeito, contanto que eu tivesse alguns namorados antes de casar. Na verdade, ela disse “amantes”, mas essa palavra me dava arrepios. Susannah segurou meu rosto e disse:

— Belly, você tem minha bênção. Detestaria perder meus meninos para qualquer outra pessoa.

Nós passávamos as férias na casa de veraneio da Susannah em Cousins Beach todo verão, desde que eu era um bebê, até mesmo antes de eu nascer. Para mim, o mais importante em Cousins era a casa, não a cidade. A





casa era meu mundo. Nós tínhamos uma praia particular, só para nós. A casa de praia tinha muitas coisas: a varanda em torno da qual costumávamos correr, jarras de chá gelado, a piscina à noite... mas os meninos, os meninos acima de tudo.

Sempre me perguntei como os meninos seriam em dezembro. Tentava visualizá-los de cachecol vermelho-escuro e suéteres de gola alta, com as faces rosadas, diante de uma árvore de Natal, mas essa imagem sempre me parecia falsa. Eu não conhecia o Jeremiah e o Conrad versão inverno, e sentia inveja de quem conhecia. Eu convivía com os chinelos, narizes avermelhados pelo sol e calções de banho com areia. Mas e as meninas da Nova Inglaterra que faziam guerras de bolas de neve com eles no bosque? As que se aqueciam neles enquanto esperavam ligar o aquecedor do carro, aquelas as quais eles emprestavam os casacos quando estava frio lá fora? Quero dizer, talvez Jeremiah. Conrad, não. Conrad jamais faria isso, não era seu estilo. De qualquer jeito, não era justo.

Sentada ao lado do aquecedor numa aula de história, eu me perguntava o que eles estariam fazendo, se também estariam esquentando os pés debaixo de outro aquecedor. Contava os dias até o verão voltar. Para mim era quase como se o inverno não contasse. O verão era para valer. Eu media a minha vida em verões, como se realmente só começasse a viver em junho, quando chegava àquela praia, àquela casa.

Conrad era o mais velho, um ano e meio de diferença. Era um cara sombrio. Completamente inatingível,





indisponível. Sorria de um jeito malicioso, e eu sempre me pegava observando sua boca fixamente. Bocas maliciosas fazem a gente sentir vontade de beijá-las, de tranquilizá-las e beijá-las até aquela malícia sumir. Talvez não totalmente... mas a gente sente vontade de controlá-la de alguma forma. Torná-la nossa. Era exatamente o que eu queria fazer com Conrad. Torná-lo meu.

Jeremiah, entretanto... era meu amigo. Era legal comigo. Era o tipo de menino que ainda abraçava a mãe, ainda queria segurar sua mão, mesmo quando já era evidentemente grande demais para isso. Também não sentia vergonha. Jeremiah Fisher vivia ocupado demais se divertindo para se envergonhar.

Aposto que Jeremiah era mais popular do que Conrad na escola. Que as meninas gostavam mais dele. Aposto que, se não fosse o futebol americano, Conrad não seria conhecido. Só seria um cara caladão e tímido, não um ídolo esportivo. E eu gostava disso. Gostava de Conrad preferir ficar sozinho, tocando violão. Como se estivesse acima de todas aquelas babaquices do colégio. Gostava de pensar que, se Conrad estudasse na minha escola, não jogaria futebol e participaria da revista de literatura, e notaria alguém como eu.

Quando finalmente estacionamos diante da casa, Jeremiah e Conrad estavam sentados na varanda da frente. Debruçando-me sobre Steven, buzei duas vezes, o que na nossa linguagem de verão queria dizer: *Venham ajudar com as malas, agora!*





Conrad tinha 18 anos. Tinha acabado de fazer aniversário. Estava mais alto do que no verão passado, acredite se quiser. Seu cabelo estava curto e escuro como sempre. Jeremiah, ao contrário de Conrad, tinha deixado o cabelo crescer, e estava um pouco desgrenhado, mas de um jeito legal, como um jogador de tênis dos anos 1970. Quando ele era mais novo, tinha o cabelo encaracolado e bem louro, quase platinado no verão. Jeremiah detestava aqueles cachos. Durante algum tempo, Conrad havia convencido o irmão de que cascas de pão faziam o cabelo ficar enrolado, portanto Jeremiah parou de comer as cascas de pão, e Conrad as cortava fora. À medida que Jeremiah foi crescendo, porém, seu cabelo foi ficando cada vez menos encaracolado e mais ondulado. Eu sentia saudades dos cachos dele. Susannah dizia que ele era seu anjinho, e ele realmente costumava parecer um com aquelas bochechas rosadas e cachos louros. Ele ainda tinha bochechas rosadas.

Jeremiah levou as mãos à boca, e gritou:

— Ô, Steven!

Sentada no carro, vi Steven ir até onde eles estavam e abraçá-los daquele jeito estranho dos garotos. Soprava uma brisa úmida de maresia, como se talvez chovesse água do mar a qualquer momento. Fingi estar amarrando os cadarços dos tênis, mas na verdade só queria ficar sozinha ali mais um pouco, olhando para eles e para a casa por um tempinho. A casa era grande, cinza e branca, e se parecia com quase todas as outras casas naquela rua, mas





era melhor. Era exatamente do jeito que eu achava que uma casa de praia devia ser. Parecia um lar.

Nesse momento minha mãe também saiu do carro.

— Oi, meninos, cadê a mãe de vocês?

— Oi, Laurel. Ela está tirando uma soneca — respondeu Jeremiah. Geralmente, ela saía da casa correndo no segundo em que nosso carro estacionava.

Minha mãe foi até eles em três passadas e abraçou os dois ao mesmo tempo com força. O abraço da minha mãe era firme e sólido como seu aperto de mão. Depois, ela entrou pela porta e sumiu dentro da casa, com os óculos escuros no alto da cabeça.

Saí do carro e pendurei a bolsa no ombro. A princípio eles nem mesmo notaram que eu estava me aproximando, mas, então, perceberam. Perceberam mesmo. Conrad me olhou dos pés à cabeça, como os garotos fazem no shopping. Ele nunca tinha me olhado daquele jeito na vida. Nenhuma vez. Senti que estava ficando vermelha de novo. Jeremiah, por outro lado, teve que olhar duas vezes, como se não me reconhecesse. Tudo isso aconteceu em mais ou menos três segundos, mas deu a impressão de ter durado muito mais.

Conrad me abraçou primeiro, mas foi um abraço meio distante, tomando cuidado para não se aproximar muito. Tinha acabado de cortar o cabelo e a pele da sua nuca parecia rosada e nova, como a de um bebê. Ele cheirava a maresia. O cheiro do Conrad.

— Gostava mais de você com óculos — disse ele, os lábios junto à minha orelha.





Isso me irritou. Dando-lhe um empurrão, eu disse:

— Azar. Não vou usar nada além de lentes de contato.

Ele sorriu, e aquele sorriso me envolveu. O sorriso dele sempre me envolvia.

— Acho que nasceram algumas novas — disse ele, cutucando meu nariz. Ele sabia como eu tinha vergonha das minhas sardas e continuava dizendo isso para me provocar.

Então Jeremiah me abraçou com força, quase me erguendo no ar.

— Nossa Belly está tão crescida — brincou ele.

Eu ri.

— Me larga — disse eu. — Você está com cê-cê.

Jeremiah gargalhou.

— É a mesma Belly de sempre — disse ele, mas ainda estava me olhando como se não soubesse muito bem quem eu era. Inclinou a cabeça e continuou: — Você está diferente, Belly.

Eu me preparei para a piada.

— O que foi? Estou usando lentes.

Eu também ainda não tinha me acostumado a ficar sem os óculos. Minha melhor amiga, Taylor, vinha tentando me convencer a usar lentes de contato desde o sexto ano, e eu tinha finalmente concordado.

Ele sorriu.

— Não é isso. Você simplesmente está diferente.

Então voltei ao carro, e os meninos me seguiram. Tiramos tudo rapidamente, e assim que terminamos, peguei minha mala e a sacola de livros e fui direto para o meu





quarto. Meu quarto costumava ser da Susannah quando era pequena. Tinha papel de parede florido desbotado e um conjunto de móveis brancos. Tinha uma caixinha de música que eu adorava. Dentro havia uma bailarina girando e dançando ao som do tema de *Romeu e Julieta*, naquela versão antiga. Eu punha minhas bijuterias ali. Tudo no meu quarto era velho e desbotado, mas eu adorava isso. Parecia que aquelas paredes, a cama de dossel e principalmente a caixinha de música escondiam inúmeros segredos.

Depois de rever Conrad, de vê-lo olhando para mim daquele jeito, eu sentia que precisava de um segundo para respirar. Agarrei o urso polar de pelúcia sobre minha cômoda e o abracei com força, apertando-o junto ao meu peito. O nome dele era Junior Mint, apelido, Junior. Eu me sentei ali na bicama com Junior. Meu coração batia com tanta força que eu conseguia ouvi-lo. Tudo parecia igual, mas não era. Eles tinham me olhado como se eu fosse uma menina de verdade, não apenas a irmãzinha caçula de alguém.

